A MULHER E O CELIBATO NO NATURALISMO AMAZÔNICO INGLÊS DE SOUSA E A OBRA “O MISSIONÁRIO”.

Fabiana Barros Carneiro [1]
Joanna da Silva [2]

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal desenvolver uma análise a respeito da presença do Naturalismo na literatura amazônica, suas principais características, e como este se fez representar no contexto amazônico a partir da obra “O missionário” (1891), de autoria do escritor paraense Inglês de Sousa, cuja temática preconiza o elemento “meio” como influenciador dos instintos humanos, onde a atmosfera selvagem coloca a prova as virtudes e a fé do personagem principal, o jovem padre Antônio de Morais, que se deixa influenciar pelo sonho de ser reconhecido como herói e catequizador de índios, mas não consegue resistir à força circunstancial frente ao fascínio e sedução exercidos pela figura feminina, representada pela personagem Clarinha, uma jovem mameluca, caracterizada por uma arraigada passividade patriarcal a qual as mulheres eram submetidas naquela época. O desenvolvimento do estudo aqui proposto, buscou embasamento teórico nos seguintes autores: SOUSA (1891), BEAUVOIR (1980), ALVES E PITANGUY (1985), BOSI (2006), MOISÉS (2007), COSTA (2005), CANDIDO (2006), entre outros.

Palavras-Chave: Mulher e celibato. Naturalismo Amazônico. “O missionário”.

Abstract: The main objective of this article is to develop an analysis about the presence of Naturalism in Amazonian literature, its main characteristics, and how it was represented in the Amazonian context from the work "The missionary", authored by the author of Paraense English de Sousa, Whose theme calls for the element "medium" as an influencer of human instincts, where a wild atmosphere brings to the test the virtues and faith of the main character, the young priest Antonio de Morais, who is influenced by the dream of being recognized as a hero and A catechizer of Indians, but can not resist the circumstantial force of the fascination and seduction exercised by the female figure, represented by the character Clarinha, a young mameluke, characterized by an ingrained patriarchal passivity to which women were submitted at that time. This article was founded by theorists; SOUSA (1891), BEAUVOIR (1980), ALVES AND PITANGUY (1985), BOSI (2006), MOISÉS (2006), COSTA (2005), CANDIDO (2006).

Keywords: Woman, Celibacy, Amazon Naturalism.

[1] Acadêmica finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/UFAM. fabibc25@hotmail.com

[2] Professora Mestra do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas - Orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). joannahumaita@bol.com.br

1. Introdução

A obra “O missionário”, de autoria do escritor paraense Inglês de Sousa foi publicada no ano 1891, nela é perceptível a presença de duas características marcantes do movimento Naturalista, cujo principal foco narrativo centra-se mais no homem, quase esquecendo a paisagem, isto é, no romance situa de forma distinta, descrições dos costumes de uma pequena cidade e do ambiente da selva amazônica.

O livro busca retratar o envolvimento amoroso e polêmico entre o padre Antônio de Morais e a jovem mameluca Clarinha, que vai desencadear uma série de discussões e conflitos internos no jovem missionário, provocando assim uma ruptura com os padrões morais e sociais vigentes, fatos que o leva a conflitos exteriores e interiores, desencadeando a busca por possíveis soluções diante do meio social que os cerca.

Considerado por Alfredo Bosi (2006) como um romance de tese, a narrativa descreve com detalhes a ascensão social e a queda de um jovem sacerdote que se aventura a pregar o evangelho em plena selva amazônica, cujo sonho era catequizar índios selvagens, e assim ser reconhecido como herói pelo povo da pequena localidade de Silves, munícipio localizado no atual estado do Pará, porém sua “missão” não alcança o êxito esperado, e mesmo o padre sabendo que não é permitido o envolvimento carnal, devido ao voto de castidade imposto pelo celibato, acaba se envolvendo num relacionamento amoroso com uma jovem indígena.

A partir do conteúdo da narrativa observa-se que seu autor, Inglês de Sousa, abre caminho para uma etapa muito antes pensada por ele aqui no Brasil, conforme observa Nélson Wernek Sodré (1992), pois a publicação do romance “O Missionário”, “[...] assinala a plena adesão deste ao modelo mais estrito da escola naturalista”, que coloca Inglês de Sousa como um dos principais mentores do naturalismo brasileiro.

Assim, neste trabalho buscamos desenvolver um estudo a respeito da presença do Naturalismo na literatura brasileira de contextualização amazônica, e a caracterização do ser feminino dentro da obra, sua participação e significância no desenvolvimento do enredo. Para tanto, utilizaremos uma abordagem crítica analítica de cunho bibliográfico, baseado em teóricos como Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980), Candido (2006), Costa (2005), entre outros, que nos ajudarão a conceituar alguns aspectos naturalistas e femininos no contexto social da obra em estudo.

2. O movimento Naturalista e a Literatura Brasileira

O Naturalismo foi um movimento conhecido por ser a radicalização do Realismo, baseado na observação fiel da realidade e na experiência, mostrando que o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade.

Conforme afirma o crítico literário Alfredo Bosi,

> [...] esse movimento, originado na Europa na segunda metade do século XIX, foi fortemente influenciado por teorias científicas da época e caracterizava-se pela busca de uma abordagem objetiva da realidade, pela via da ciência, e pela escolha de temas sociais fortes como o celibato, homossexualismo, desigualdades sociais e crises. (2006, p.163).

O movimento Naturalista surgiu na França, tendo como seu idealizador o escritor Francês Émile Zola, com sua obra inicial intitulada "Therese Raquin", em 1867. É através da sua obra, "O romance experimental", publicada no ano de 1880, na qual faz uma análise comparando com o trabalho de Claude Bernad, "Introdução ou Estudo da Medicina Experimental", de tal modo explicando que em seus estudos literários aborda o método experimental, aplicando ao romance e ao drama a sua volta e à natureza. Assim enfatiza Bosi:

> [...] autores franceses como Gustave Flaubert e Emile Zola começam a propor novos tipos de romances. Flaubert lança em 1857, *Madame Bovary*, primeiro romance realista, que chocou a sociedade francesa da época e levou o autor e o seu editor aos tribunais por ferir a moral e os bons costumes. "Zola lança Therese Raquin, em 1867, primeira obra naturalista, que propunha um método científico para escrever, utilizando-se até de coleta de dados, e formulação de hipóteses". (BOSI, 2006, p. 169).

As leituras sobre as teorias evolucionistas de Darwin, conforme explica Marilena Chauí (2003), consistiam em uma continuidade de Lamark, e explicavam a evolução dos seres vivos pelo processo de seleção natural, segundo o qual os mais fortes sobrevivem; o determinismo de Hippolyte Taine afirmava ser o comportamento dos indivíduos determinados pelos fatores geográficos e hereditários, pela raça, pelo meio e pelas circunstâncias históricas; o socialismo, de Mark e Engels, tecia críticas ao capitalismo e propugnava um novo modelo de sociedade, de igualdade e sem a exploração do homem pelo homem, já o positivismo de Auguste Comte buscava conceber o real sob uma perspectiva objetiva, e afirmava que o conhecimento só tinha validade quando provado

cientificamente. Tais conceitos influenciaram de maneira significativa os escritores dessa época a pensar e produzir segundo a estética naturalista, ou seja, ver e mostrar os acontecimentos de uma forma descritiva e natural da sociedade, assim através dos estudos literários os naturalistas criavam narradores oniscientes e impassíveis para dar apoio à teoria na qual acreditavam.

No Brasil, a sociedade estava passando por um momento de crise na metade do século XIX, o contexto histórico e literário do movimento naturalista surge com o realismo, pois ambos tinham como ideal transformar a sociedade com uma visão racionalista e objetiva, e ao mesmo tempo combater o ideário romântico.

Segundo Antônio Candido,

> [...] ao contrário dos críticos dos tempos do Romantismo, os dessa fase tiveram que enfrentar uma realidade literária e ideológica muito mais complexa e móvel, pois a reação anti-romântica desaguou numa variedade de tendências, denominadas, segundo os modelos franceses que inspiraram o Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo. Simultaneamente, desenvolveram-se em relação à sociedade brasileira pontos de vista mais críticos e realistas, expressos por um ensaísmo pouco conformista. Que encontrava paralelo na visão desmistificadora e contundente dos narradores mais avançados (CANDIDO, 1999, p. 57).

O conceito apresentado por Candido é facilmente perceptível nas obras naturalistas, justamente por tratarem de temas que a monarquia mascarava com repressão naquela época, e que com a glorificação de um Brasil mais livre e de igual pensamento, saíram das sombras do romantismo para ocupar lugar numa literatura de cunho mais realista e natural, ou seja, escritores transformadores passaram a expressar através da sua escrita à indignação de viverem em um mundo no qual imperava a desigualdade e o preconceito.

Segundo Alfredo Bosi:

> [...] a partir da extinção do trafego, em 1850, acelerara-se a decadência da economia açucareira no Brasil; o deslocar-se do eixo de prestigio para o sul e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de ideias liberais, abolicionistas e republicanas. (BOSI, 2006, p.163)

Nesse contexto, ainda de acordo com Alfredo Bosi, “[...] em meio a tantas tribulações o escritor naturalista que logrou maior êxito no Brasil foi Aluísio de Azevedo com a obra

O Mulato (1881)". (BOSI, 2006, p. 187). Cabe ressaltar, que além do escritor Aluísio de Azevedo, o movimento Naturalista contou também com outros representantes no cenário literário brasileiro, como: Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, com as obras "Luzia-homem" (1903), "O Almirante" e "O Uirapuru" (1906); Herculano Marcos Inglês de Sousa, com as obras, "Histórias de um Pescador" e "O Cacaulista" (1876), ambos escritas sob pseudônimo de Luís Dolzani, "O Coronel Sangrado" (1877), "O Missionário" (1891), e "Contos Amazônicos" (1893); Adolfo Ferreira Caminha, com a obra intitulada "A Normalista" (1893), e "O Bom crioulo" (1895); Manuel de Oliveira Paiva, com o romance "Dona Guidinha do poço", publicado no ano de 1952, e "A Afilhada", publicado no ano de 1961.

Segundo Sylvia Perlingeiro Paixão, "o escritor Inglês de Sousa foi testemunha de uma época de transformações políticas, religiosas e literárias em meio à instabilidade que a sociedade vivenciava vista na chaga vergonhosa da escravidão, que abalava os alicerces do catolicismo" (PAIXÃO, 2011, p. 11).

Em relação a esse contexto histórico e social vivido na época, Alfredo Bosi resume o processo que ocorreu entre as escolas literárias Realismo/Naturalismo, da seguinte forma: "O realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das "leis naturais" que a ciência da época julgava ter codificado" (BOSI, 2006, p. 168).

Apesar dessas escolas literárias surgirem na mesma época, segundo Marta Pontes (2010, p. 226), o Realismo e o Naturalismo, "possuem algumas semelhanças e diferenças, ou seja, aproximações e distanciamentos, tais como: todo escritor naturalista é realista, mas nem todo escritor realista é naturalista", ou seja , os realistas de acordo com Pontes, se ocupava da realidade social e religiosa da época, com questões relacionadas ao adultério, preconceito; denunciava os pecados intencionais dos religiosos; fornicação, mentira, assassinatos. Já os naturalistas buscavam retratar o homem como um ser sempre conduzido por seus instintos mais primários e pervertidos, além de descrever aspectos muito do dia a dia.

O Naturalismo pode ser considerado como um segmento do Realismo, uma vez que ambos se fundamentam no mesmo princípios científicos, filosóficos e artísticos. O Naturalismo apresenta uma visão de mundo mais mecanicista, mais determinista, pois acata o princípio segundo o qual somente as leis e os métodos científicos são válidos, decorre daí a concepção de que o homem é condicionado por forças que determinam suas atitudes. Por isso, a conduta das personagens naturalistas costuma resultar de variáveis

como: hereditariedade (que explica as tendências, os caracteres e as patologias do indivíduo); o ambiente e o momento histórico no qual a personagem encontra-se inserida.

Diversas questões sociais contribuem para a formação de personagens dentro das narrativas naturalistas transgredem padrões comportamentais estabelecidos pela sociedade da época, como por exemplo, o adultério, que é a infidelidade estabelecida por relação carnal com outro parceiro que não o companheiro habitual, tema este de grande destaque no romance "O Cortiço", Aluísio de Azevedo (1890). A fornicação, que se caracteriza pelo ato sexual entre pessoas não casadas, "cônjuges"; o pecado da luxuria; pecado da carne, são temas encontrados em romances como "O Bom-Crioulo", Alberto Caminha (1895).

A "mulher", como figura feminina considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, e como tipo representativo dos costumes e padrões sociais estabelecidos em determinada região geográfica, ou época, figura em quase todos os romances naturalistas envolvida em questões como religião, direitos socais, sexualidade, e relacionamentos amorosos não muito convencionais, como é o caso da personagem Clarinha, que vivencia um relacionamento amoroso clandestino com o jovem padre Antônio de Morais, no decorrer do desenvolvimento do enredo da obra 'O missionário", de Inglês de Sousa, obra esta aqui tomada como objeto de estudo e análise. Nesse romance, observamos a tese de que o instinto, ou impulso natural, independente da razão, exerce grande influência no modo de agir dos personagens.

Podemos observar que os escritores realistas buscavam em suas obras, por meio da crítica e da análise psicológica, e de um número reduzido de personagens, transformar e educar a sociedade, ou seja, o autor desenvolvia por meio de sua obra um comportamento moral e intelectual com o público leitor. Pontes (2010, p 227), afirma que, "nos romances de tese, o narrador tinha que ter um olhar cientificista, ou seja, reduzindo o homem a mero animal que travava uma luta com a razão, mas que no final deixava-se dominar pelo instinto".

A inspiração regional se apresenta nessa narrativa, segundo Bosi (2006), em meio aos conflitos sociais surgidos naquela época:

> [...] fermentada por ideais abolicionistas e republicanos, é sabido que o Ceará foi à primeira província brasileira a libertar os escravos, em 1884. Data de 1872 a fundação de uma *Academia Francesa* e entre esta e o grupo militante da *Padaria Espiritual*, reunindo em 1892, formaram-se vários grêmios políticos e literários, onde se colava a moda naturalista

> com as lutas ideológicas do tempo. A vivacidade desse contexto cultural permitiu virem à luz alguns romances regionais (BOSI, 2006, p.195).

Dentro do movimento naturalista foi dado prosseguimento a tendência regionalista já iniciada no Romantismo, mas com novas adaptações, como por exemplo, sem a idealização romântica, ou seja, com uma visão mais objetiva dos fatos narrados, que inspirou diversos escritores nacionais, que através das suas características naturais, consistia em observar a realidade e descrever o comportamento do ser humano movido pelas forças circunstanciais exercidas pelo meio natural, documentando-o e dissecando-o dentro de uma perspectiva cientificista que concebia o homem como um animal, embora racional, mas que se deixava dominar pelos aspectos instintivos de sua natureza, cujo destino parece determinado pelo meio no qual se encontra inserido.

Cabe ainda ressaltar que essa escola literária trouxe importantes contribuições sociais ao promover a discursão de temas comuns no dia-a-dia, mas mal vistos e considerados repulsivos pela sociedade daquela época.

Aspectos dessa natureza, apontados cima, são demonstrados de maneira bastante visível na obra "O Missionário", de Inglês de Sousa, e serão discutidos posteriormente nesse trabalho, ao procedermos de modo mais específico a análise desta obra.

3. Inglês de Sousa e Naturalismo Amazônico

Nascido no ano de 1853, no município de Óbidos, no estado do Pará, Herculano Marcos Inglês de Sousa exerceu diversas atividades, além de escrever romances e contos, foi jornalista, advogado, professor e político, vindo da falecer no ano de 1918, na cidade do Rio de Janeiro. Todas as suas obras são retratadas com atributos naturalistas, pois a formação liberal e positivista ajudam o autor transcender os ideais e a estética do Romantismo, nos romances "O Cacaulista" e "O coronel sangrado", de 1876 e 1877, já se encontravam princípios que iriam nortear sua prosa nesse período.

É interessante ressaltar, segundo Antônio Candido (2006), que o fato de ter publicado em primeira mão romances classificados como naturalistas, isso não garantiu a Inglês de Sousa o título de "pai" desta "escola", pois a historiografia literária brasileira registra como o marco inicial do naturalismo no Brasil a publicação da obra "O Mulato" (1881), escrita por Aluísio de Azevedo.

Apesar da influência de autores como Eça de Queirós, e o europeu Zola, segundo Antônio Carlos Olivieri (1992), em sua primeira publicação "Inglês de Sousa não possuía

os tiques, os modismos que iriam pouco depois conferir um estreito parentesco a todos os romances publicados aqui nos últimos vintes anos dos séculos, com exceção dos de Machado de Assis e do Ateneu", isto é, para Olivieri, se "O coronel sangrado", em nível de conteúdo, apresentava já o ideário que orientava a nova escola; no nível formal, encontrava-se ainda distante, e dele Inglês de Sousa só vai aproximar-se uma década mais tarde, com a publicação de "O Missionário", seguindo a direção indicada pelo próprio Aluísio de Azevedo, sobretudo no romance "O homem" de 1877, que "causara forte impressão e inaugurara a chocante mistura de tiradas pedantes a cenas escabrosas a que se deu em regra no Brasil o nome de Naturalismo" (OLIVIERI, 1992, p. 6).

É através da escrita voltada para os "fatos", conforme nos apresenta Antônio Carlos Olivieri, no texto introdutório da segunda edição de "O Missionário", publicada no ano de (1892), que Inglês de Sousa encontra princípios norteadores que o ajudaria na prosa naturalista, como por exemplo, "a investigação das relações homem/meio, ou a projeção de um romance seriado que constituísse um amplo documento da vida social na Amazônia" (p. 5). Assim, Inglês de Sousa consegue ver além da "cor local" amazônica e fixa o cotidiano dos habitantes da região interiorana do Pará, dimensionando com minúcia das descrições da vida de pequenas ambições, de mesquinhas intrigas, de caricata imitação do que vem dos centros urbanos nacionais e, sobretudo, do estrangeiro.

No período que abrange 1800 a 1899, a região Amazônia brasileira era sucessivamente colônia de Portugal, na qual a economia era baseada na agricultura e expansão de produtos tropicais, tais como o algodão e o cacau, que ganhavam seu devido valor de mercado dentro e fora do país, porém era uma economia sem solidez, pouco desenvolvida tecnicamente e muito dependente das atividades extrativas.

Segundo o jornalista e crítico Jorge Tufic, dentro do contexto amazônico daquela época, as obras de Inglês de Sousa;

> [...] parecem obedecer a um plano harmonioso de fixar cenas da vida do Amazonas, valendo como documentário ecológico e sociológico da pesca, da extração do cacau, da vida politica, religiosa e social do baixo e médio Amazonas, chegando ao ponto de eleger o município de Silves para "Missionário", romance aparecido em 1891, sob o pseudônimo de Luiz Dolzani. Pela verossimilhança das personagens e dos fatos ali contados? É bem provável. O mais certo é que toda essa literatura e mais algumas outras manifestações como o "Cedro Vermelho", teatro de Francisco Gomes de Amorim, assinalam aqui o período de ascenção capitalista e médio-burguesa proporcionada pelo ciclo do cacau. Segundo o historiador Mario Ypiranga Monteiro, esse período é caracterizado pelo patriarcalismo acomodado à sombra hospitaleira das árvores, forçando o estabelecimento de uma sociedade e uma cultura de

> "imagem", abertas a todas as influencias socializadoras, onde entram o índio e o negro, este como elemento decorativo, sem grandes sugestões a não ser no sangrento parêntesis aberto pela revolta da Cabanagem. TUFIC, 1982, p. 16

A paisagem Amazônica nos romances de Inglês de Sousa exerce grande influência sobre os personagens, não só quando se aborda aspectos da fixação do homem ao meio, à natureza, mas também apresenta de modo surpreendente as lutas e fraquezas humanas em meio a um ambiente natural propício ao nascimento de deuses e demônios, de heróis e de anti-heróis. É nesta região hostil, e ao mesmo tempo exótica, impregnada de mistérios, que se constrói a realidade do habitante da Amazônia, transformando em personagem fictício, mas com um destino sombrio, o que se de alguma forma caracteriza o Naturalismo, é também o reflexo de todo esse contexto onde o homem branco, o índio, o caboclo, o tapuio, o cabano, convivem juntos, com suas diferentes características e anseios.

4. A mulher e o celibato no naturalismo amazônico, Inglês de Sousa e a obra "O Missionário".

Conforme assinala Massaud Moisés (2007, p. 266), na obra "O Missionário", "[...] salta aos olhos a descrição minuciosa da vegetação equatorial, primitiva, hostil e sufocante, em meio à qual o homem se volve pigmeu, imponente para resistir ao chamado dos instintos". Moisés refere-se aos instintos naturais (o mistério, o perigo), dando ênfase ainda ao cenário onde ocorre o romance: a floresta, com sua riquíssima fauna e flora, local onde o protagonista, padre Antônio de Morais, passa a imaginar-se como uma pessoa pequena diante da grandiosidade verde que a floresta representa.

A obra apresenta relatos e descrições da vida e dos costumes dos moradores da região norte o que, segundo Candido (1999), contribui para expor os conflitos morais e sociais na Amazônia, região imensa e despovoada, onde é máximo o contraste entre a vida primitiva e a civilização urbana. Assim, o romance inicia com uma descrição minuciosa de Silves, pequena vila situada no interior do Pará, com personagens icônicas, como o professor, o coletor, o sacristão, o livre-pensador, o farmacêutico, entre outros.

Conforme, Monteiro enfatiza, no decorrer do enredo,

> "[...] a dinâmica daquelas personagens planas e redondas (descobrimo-lhes as identidades, situações sociais e políticas, etc.) apontamos mais para o plano do ruralismo, embora não se pretenda esquecer que Silves sustinha a predicação de cidade e anexo a ela as humanidades, Mundurucu, os castanhais e cacauais, naquela dependência tradicional que força a administração civil e religiosa.". (MONTEIRO, 1976, p. 203).

É nesse ambiente interiorano do pequeno vilarejo, onde todos se conhecem que se estabelece, segundo Monteiro, um clima familiar, moralista, e ao mesmo tempo de intrigas e "fuxiquismo", onde a "devassidão" parece pairar sobre "a inexperiência do novo missionário e em que acaba perdido como num labirinto, vítima das sanções morais" (MONTEIRO, 1976, p. 302).

Antônio de Morais é o jovem padre de que nos fala Monteiro, personagem principal da obra, nasceu no sítio das Laranjeiras, filho do capitão Pedro Ribeiro e de Dona Brasília. Ainda criança é mandado para o seminário pelo pradrinho na cidade de Belém por ser a cede do Acerbispado em toda a região, onde cresce, e posteriormente é enviado para uma paróquia na localidade de Silves vilarejo situo Estado do Pará.

O protagonismo do jovem sacerdote tem início a partir do sentimento de inadequação e inutilidade em meio a pequena província, fato que o leva a entrar em contato com a natureza selvagem em busca de catequizar índios, e assim alcançar prestígio diante da comunidade de Silves, porém, no decorrer do romance, acaba se envolvendo em um relacionamento amoroso com uma jovem mameluca, Clarinha, fato este que o coloca em conflito existencial e religioso, devido o voto de castidade imposto pelo celibato católico.

Durante o período em que estivera no seminário Antônio se submeteu a uma educação muito rigida, com horários estipulados, diferente daquela em que fora criado junto a sua família, mas no decorrer do tempo o jovem procurou adequar seu comportamento à vivência religiosa do seminário.

Ao chegar a localidade de Silves, o jovem padre possuía um grande ideal: o de missionar, catequisar índios, e se fosse preciso, morreria nas mãos dos selvagens. Estava com essa ideia fixa na cabeça, almejava deixar seu nome na história daquele pequeno vilarejo. Os habitantes da vila o receberam com grande espanto, pois o consideravam muito moço para ser padre. As beatas suspiravam pelo jovem, porém os homens não gostaram de sua presença ali na comunidade, mas devido a firmeza com que conduzia o

trabalho sacerdotal na pequena matriz, aos poucos o padre foi ganhando o respeito e uma certa amizade dos habitantes do vilarejo.

Com o passar do tempo, e a desgastada rotinha do vilarejo, o jovem padre lembra-se que havia deixado de lado, "o grandioso projeto de civilizar os Mundurucus". Novamente alimentado por esse ideal, vai em busca dessa conquista, fazendo do sacristão Macário seu companheiro de aventura. No decorrer da viagem que os levam ao encontro da temida tribo indígena passam por uma série de dificuldades e peripécias, com a embarcação em mau estado, o sol forte, os mosquitos, a fome, noites mal dormidas em meio aos carapanãs. Até chegar o momento em que se deparam com o grupo de índios mundurucus, quando o sacristão temendo um ataque fatal, foge, abandonando o padre, que ao contrário de um final tragíco que se esperava, é acolhido pelos indígenas.

O convívio íntimo com a família de mamelucos, o ambiente solitário e confortável do pequeno sítio de propriedade de João da Mata, um índio já catequizado, o sensualismo da paisagem, a presença e os cuidados da jovem mameluca Clarinha, põem à prova os votos de castidade do padre Antônio de Morais.

Segundo Massaud Moisés (2007 p.262), essa caracterização do ambiente do sítio de João Pimenta é descrita no romance como uma "força impulsionadora" a exercer um certo domínio sobre os instintos e desejos mais profundos do jovem religioso, pois o sítio representava o local "onde os desvelos de Clarinha, neta do agricultor, e o prolongado repouso lhe restituem a saúde e lhe acordam o erotismo que a batina dissimulara até então".

Monteiro (1976) também corrobora com o pensamento expresso por Massaud Moises em relação ao determinismo exercido pelo meio, ao assinalar que a atmosfera "matuta" se encarregaria de por à prova as virtudes do "transviado padre Antônio de Morais como se em última análise fosse tragado pela sedução do meio, ele que fora criado em contato com a natureza" (p. 204). Assim, contrariando os princípios éticos e religiosos nos quais fora doutrinado, o jovem padre não consegue controlar o desejo que sentia pela jovem:

> Vinha-lhe um desejo de vê-la melhor, sem a prevenção injustificável que nutria desde que avistara pela primeira vez de pé sobre o tronco de palmeira; de examinar-lhe as feições, sondar-lhe com o olhar o coração para saber se, aquela ingenuidade aparente era real ou simulada, ao mesmo tempo a sua curiosidade revestia-se, com grande espanto seu, duma ligeira malícia. (SOUSA, 2010, p.284).

Após a chegada do padre nos sertões Guaranatuba, furo de Sapucaia, onde moravam os tapuios João Pimenta (proprietário do sítio e avô de Clarinha), Felisberto (irmão) e Clarinha (a jovem mameluca), já civilizados, o padre ouvia as histórias contadas por Felisberto, irmão de Clarinha; os feitos do padre João da Mata que, com muito zelo, criou naquele sítio animais e plantas frutíferas, além de cuidar da educação de Clarinha, fato esse que chamou a atenção do jovem padre, pois ficava evidente que Benedita, mãe de Clarinha, havia tido um relacionamento com o padre João da Mata, do qual teria nascido Clarinha, sendo esta, então, filha do padre João da Mata, pelo menos, assim supunha o jovem.

A aproximação entre Clarinha e o padre Antônio de Morais ocorria aos poucos, a principio com olhar, em seguida extensas conversar, quando o religioso lhe falava de forma gentil e doce, fazendo com que aos poucos a jovem se envolvesse cada vez mais com o padre, chegando a compará-lo com um "ser de luz", admirável, e ao mesmo tempo confuso:

> A sua jovem imaginação de matutinha de quinze anos não estava de o supor um anjo do senhor, desses de que lhe falava a mãe, nas longas narrativas ao pôr do sol, à beira do igarapé, [...] o colocava muito acima da humanidade. [...] então naquelas faces pálidas, naquela boca triste, naquela fronte sombreada por uma preocupação visível, a moça, advertida pelo seu instinto de mulher, reconhecia o homem agitado por sentimentos fortes, adivinha a luta íntima, embora para ela intraduzível, que se tratava no cérebro daquele rapaz elegante, daquele formoso padre de vinte e três anos.(SOUSA, 2010 p. 289).

Em sua ingenuidade, a jovem sentia uma necessidade de cuidar do rapaz, ressaltando que sua educação deu-se com os cuidados de um sacerdote (padre João da Mata), por quem a mesma guardava grande admiração e gratidão, chegando a compará-lo a um santo. Desde o inicio da colonização portuguesa do Brasil, os jesuítas eram responsáveis pela educação dos indígenas, porém não se preocuparam com a educação da mulher, somente em ensina-las critérios domésticos e as boas maneiras, assim excluindo-as da aprendizagem formal, embora no romance retrate que o padre João da Mata tenha ensinado Clarinha e Felisberto a lerem e escreverem.

Segundo Heloísa Lara C. Costa (2005, p. 206) a educação era diferenciada entre homens e mulheres no século XIX, "o dualismo se expressava, em relação a gênero. Homens tinha acesso aos cursos secundários e superiores, dependendo das posses, enquanto as mulheres eram relegadas à educação elementar". Podemos perceber isto na

obra, quanto aos outros personagens, filhos de fazendeiros de cacau ou algodão, eram mandados ao Rio de Janeiro para estudarem nas melhores universidades do Brasil enquanto as filhas mulheres apenas saiam de casa por ocasião do casamento. Porém, esse tratamento não se aplica totalmente a personagem Clarinha, uma vez que a mesma, além de ser de origem indígena, vivia confinada em um sítio isolado e distante de vilas e povoados.

De uma forma geral, o preconceito representado no romance em relação ao gênero feminino, segundo as escritoras Branca M. Alves e Jacqueline Pitanguy (1895), demonstra a ideologia de que "toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, fazer-se amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida útil são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância", (1985. p.35), isso independente do lugar onde se estivesse. Assim, é visível a caracterização da personagem feminina Clarinha dentro desses padrões que a sociedade machista impunha sobre as mulheres.

Os princípios ideológicos apontados por Alves e Pitanguy (1985) se devem também ao fato de que de acordo com a ordem e os princípios educacionais regidos pelo sistema patriarcal e religioso, que de certa forma privilegiavam o ser masculino, estabeleciam como ordem natural que a mulher deveria se resignar a sua condição servil e dependente ao homem como designo divino. Nesse sentido, Branca e Pitanguy, ressaltam que a inferioridade e submissão da mulher adviria unicamente de sua educação, uma vez que a educação familiar e formal sempre aplicou seus princípios de forma diferenciada aos gêneros masculino e feminino.

Além disso, conforme cita Costa (2005), a igreja católica quando chegou a Amazônia, também considerava a polaridade da existência entre uma sociedade predominantemente indígena e mestiça, que trazia em seus antepassados padrões de religiosidade e sexualidade ligados a sua inserção na natureza, conforme aparece nos relatos de viajantes e romancistas, frente a uma igreja preocupada com a moralização dos costumes, à luz dos seus princípios.

Em meio aos princípios preconizados pela igreja e pela sociedade da época, observamos no decorrer da narrativa a força do condicionamento circunstancial e biológico, característicos dos preceitos Determinista e Naturalista que norteiam a narrativa, envolver o padre Antônio de Morais, que se vê em meio a um turbilhão de emoções e conflitos internos que o divide entre dois universos, dois amores: de um lado

o sacerdócio e de outro o amor pela jovem mameluca. O medo de perder o prestígio e ser banido do sacerdócio, ou até mesmo ser morto por transgredir os princípios religiosos, morais e sociais, devido o forte apelo aos instintos sexuais, põe à prova sua força e resistência.

Ante a cumplicidade criminosa da sorte, a sua coragem desmaiava, padre Antônio de Morais, o casto, o puro, o servo vigário de Silves, o ardente missionário da Mundurucânia, seria obrigado, num serio exame de consciência, a confessar sua falha, corroído de vergonha e constrangimento? confessaria que estava louco e cinicamente apaixonado pela neta de João Pimenta? por aquela mameluca cuja existência seu sucessor, o Padre João da Mata, sempre mantivera escondida nos sertões de Guaranatuba? O conflito pessoal enfrentado pelo jovem missionário vai além da ficcionalidade e coloca em evidência os sérios problemas enfrentados pela Igreja Católica em relação à sexualidade de seus seminaristas, desde que foi instituida a obrigatoriedade do celibato, visto como repressão aos instintos da natureza humana.

Nesse contexto, a figura feminina da personagem Clarinha é caracterizada na obra como um ser passivo, frágil, submisso e servil, sempre preocupada com o amante. Nesse sentido, Simone Beauvoir (1980), no seu livro intitulado "O segundo sexo", assinala que a mulher é colocada com um simples objeto de gozo manipulado pelo homem:

> [...] o sexo frágil tem um lugar na terra, humilde sem duvida, mas válido; ele encontra uma justificação no prazer que o macho extrai desse objeto, mas somente no prazer. A mulher ideal é perfeitamente estupida e submissa; esta sempre preparada para acolher o homem e nunca lhe pede nada. (Beauvoir, 1980, p.247).

A afirmação de Beauvoir demonstra que a concepção da figura feminina está muito ligada a mistificação que é gerada a cerca do prazer carnal, que coloca a mulher na condição de objeto passível. A aventura oculta na floresta e a irresistível convivência íntima com Clarinha, da qual não conseguia se desvencilhar, e que poderia fazê-lo perder a noção de dignidade e admiração que tanto prezava, acaba por ser mantida em segredo, da mesma forma que o fizera seu antecessor, o padre João da Mata, pois não estava disposto a abrir mão da vida que conquistara, do ofício "missionário" que tanto lhe causava orgulho e soberba, que havia almejado em tempos tão difíceis de sua vida.

Assim, no romance em análise, o propósito do padre em retornar a vila de Silves deixando Clarinha em um sítio próximo, onde pudesse visitá-la sem que ninguém tomasse conhecimento, e assim manter em segredo, longe dos "mexericos", seu envolvimento com

a jovem, sem que isso pudesse vir a “estragar” sua reputação sacerdotal, demostram não o egoísmo individualista diante das condições impostas ao outro mas, principalmente, o caráter autoritário e manipulador masculino, preocupado apenas com seus interesses pessoais, ao mesmo tempo em que também reforça a passividade feminina que se expressa no silenciamento e conformismo da mulher à condição que lhe é imposta pelo homem numa sociedade machista e patriarcal.

5. CONSIDERAÇOES FINAIS

Este trabalho propôs uma análise em torno do Naturalismo na literatura brasileira e sua contextualização amazônica, a caracterização do ser feminino dentro da obra, sua representação e significância no desenvolvimento do enredo, e cuja contribuição do meio influenciou os instintos do jovem padre. Os estudos realizados em torno da obra “O Missionário”.

O autor Inglês de Sousa consagrou-se no naturalismo por desenvolver uma comunicação com o público relatando um naturalismo que as forças naturais amedrontam e tornam homem sujeito ao domínio de temores. A análise acerca da figura “mulher” forneceu um maior conhecimento em torno dessa temática e sua contextualização no universo Amazônico, a partir da descrição realista e minuciosa feita pelo autor.

Segundo Sylvia Paixão, em relação a mulher, o naturalismo parece tê-la forçado mais do que nunca a adoecer, pois Inglês de Sousa coloca a personagem Clarinha como uma personagem “objeto”, vítima das circunstância lograda a um destino fadado das mulheres de sua família (avó e mãe) viverem junto com homem sem estar casada. Assim, a análise da mulher foi feita não como foco do trabalho, mas para assim evidenciá-la dentro da obra.

Em meio a temática naturalista que preconiza o elemento meio como influenciador dos instintos humanos, onde a atmosfera selvagem coloca a prova às virtudes e a fé do personagem principal, o jovem padre Antônio de Morais, foi possível observar também, através deste estudo, o quanto a constituição da conduta feminina se dá a partir de padrões comportamentais socialmente estabelecidos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Cultural/Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Tomas & ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária.** 3ªed. Maringá: Eduem, 2009.

BOSI, Alfredo, 1936. **História concisa da Literatura Brasileira**/ Alfredo Bosi- 43 ed.. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes/ Antônio Candido. – 3. Ed.- São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. 10ªed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 1. Ed. São Paulo Atica, 2007.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As Mulheres e o Poder na Amazônia**, Manaus: EDUA, 2005.

GANCHO, Cândida Vilares, 1957 – **Como analisar Narrativas/ Cândida Vilares Gancho**. – 9ª. Ed.- São Paulo: Ática, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**/ Massaud Moisés. – São Paulo: Cultrix, 2007.

OLIVIERI, Antônio Carlos. Por que ler o Missionário, In.: Sousa Inglês de. **O Missionário**. Série Bom Livro, São Paulo: Ática, 1992.

PAIXÃO. Sylvia Perlingeiro. Introdução, In.: Sousa Inglês de. **Contos Amazônicos**. 3ª edição - São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PONTES, Marta, - **Minimanual de redação e literatura**/ São Paulo: DCL 2010.

SOUSA, Inglês de. **O Missionário**. / Inglês de Sousa. – Manaus: Editora Valer, 2010.

SANTOS, Robson dos. **Escrita e sociedade – Estudos de Sociologia e Literatura**. Org. BRITOS, Clovis Carvalho e SANTOS, Robson dos. Goiânia: Ed da UCG, 2008.

SILVA, Joanna da. **A mulher e o poder na ficção de Milton Hatoum** / Joanna da Silva. -1. Ed. – Curitiba: Appris, 2015.

SODRÉ, Nélson Werneck. **O Naturalismo no Brasi**l/ Nélson Wenerck Sodré.- Belo horizonte: oficina de livros 2ª. Ed. 1992.

TUFIC, Jorge. **Literatura Amazonense (de Carvajal a Ferreira de Castro). In: Existe uma Literatura Amazonense?** UBE do Amazonas – União Brasileira de Escritores, 1982, p. 11-49.

http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/naturalismo-o-romance-de-tese.htm em 25/11/2016